

RESENHA

Mearsheimer, John J. (2011) Why leaders lie? The truth about lying in international politics. USA: Oxford University Press, 142p.**Thiago Gehre²⁴**

Em seu mais recente livro, traduzido e publicado no Brasil, *Porque os líderes mentem?* Toda a verdade sobre as mentiras na política internacional (Rio de Janeiro: Zahar, 2012, 179p.), Mearsheimer discute a mentira como uma ferramenta de política internacional para os tomadores de decisão. O argumento central de Mearsheimer é que líderes frequentemente mentem por “boas razões estratégicas”, o que os isentaria de qualquer condenação por parte da opinião pública ou da comunidade internacional.

No primeiro capítulo, *What is lying?* Mearsheimer diferencia a concepção geral de “enganação” (*deception*), quando propositalmente se previne os outros de saberem toda a verdade sobre um assunto, da noção de “mentira”, quando uma pessoa faz uma afirmação que sabe ou suspeita ser falsa para que outros pensem que é verdade, negando fatos ou arranjando-os de forma a criar uma história fictícia. Ademais, uma pessoa pode contar uma história enfatizando certos fatos e os ligando de forma a favorecê-la, ao mesmo tempo em que minimiza ou ignora fatos inconvenientes, por meio de exageração e distorção, o que seria um tipo de “enrolação” ou “torção” (*spinning*). A terceira forma de “enganação” é a “dissimulação” que envolve guardar informações, ou seja, permanecer em silêncio sobre algo, com o intuito de minar ou enfraquecer a posição de alguém.

No capítulo 2, *The inventory of international lies*, o autor introduz a discussão sobre os sete tipos principais de mentiras, frisando que cada um serve a propósitos específicos, como a “mentira interestatal” que convém para ganhar uma vantagem estratégica; o “imperialismo social” que visa desviar a atenção de problemas e controvérsias internas e com outros países; a “difusão do medo” para motivar a população a fazer os sacrifícios necessários a enfrentar um desafio; a “mitificação nacionalista” que se refere à perpetuação de histórias inventadas para criar um senso de identidade; “mentiras liberais”, histórias criadas como forma de disfarçar

ações autoritárias, consoante uma retórica idealista; e, por último, “encobrimientos estratégicos”, que visam esconder políticas controversas e falhas, a fim de proteger o país contra algum tipo de risco, e “acobertamentos deploráveis”, mentiras contadas por líderes sobre suas mancadas políticas, ou como forma de proteger a si mesmo ou seu grupo mais próximo de familiares e amigos.

No capítulo 3, *Lying between States*, Mearsheimer apresenta as formas como os Estados mentem entre si: exagerar as capacidades para dissuadir um oponente, minimizando ou escondendo uma capacidade (militar) de um adversário; encobrir suas próprias capacidades para evitar uma reação de um concorrente ou vizinho; ocultar intenções hostis em relação a outro Estado e a Estados rivais para evitar ações preemptivas; ameaçar atacar um rival para afetar o seu comportamento, dissuadindo-o de alguma ação política; provocar outro Estado a atacá-lo ou a atacar um terceiro país; exagerar ameaças para que seus aliados prestem maior atenção a um perigo real e imediato; induzir erros para facilitar espionagem e sabotagem; ganhar vantagem na condução de operações de guerra, por meio de campanhas de desinformação; e ampliar seu poder de barganha em negociações, manipulando informações. Contudo, o autor alerta que “*lying has its limits as a tool of statecraft*” (Ed. EUA: 30).

No capítulo 4, *Fearmongering*, o autor se refere a um tipo de mentira empreendida em campanhas governamentais para alertar a opinião pública para um perigo emergente, ou seja, fazer o público ver “*the wolf at the door*” (Ed. EUA: 45). Trata-se de enganar a população para seu próprio bem, pela falta de interesse em questões internacionais, pela falta de conhecimento específico para detectar uma ameaça. Campanhas psicológicas de medo foram utilizadas para fazer a população apoiar, de maneira entusiástica, planos políticos. Da mesma forma, governos engajados em guerras de escolha, como guerras preventivas, precisam motivar a opinião pública de que uma possível ameaça se concretizará no futuro, aguçando o senso de perigo da população em relação a sua materialização. Como diria o autor, “*some threat inflation is necessary to stiffen their backbones*” (Ed. EUA: 56).

24. Universidade Federal de Roraima (UFRR).



No capítulo 5, *Strategic cover-ups*, discutem-se duas formas de proteger os interesses nacionais, como esconder uma política desastrosa ou escamotear uma estratégia inteligente sem levantar oposição. Enquanto mentiras interestatais destinam-se ao público externo e, o amedrontamento, ao público interno, o encobrimento estratégico tem como alvo ambos. Assim, pode materializar-se ao evitar dar chance aos concorrentes de explorar uma fraqueza ou causar a indignação da população interna, encobrendo uma postura controversa. Nesse caso, esconder incompetência e mascarar políticas controversas são facilitadas em situações nas quais ao governo é dado passe livre para limitar ou manipular o fluxo de informações internas. Como em democracias se presta mais atenção à opinião pública, pelos debates públicos, *accountability* e transparência então se tornam mais predispostos a encobrimentos estratégicos.

No capítulo 6, o autor avança para discutir a criação de mitos nacionalistas que retratam favoravelmente a criação de um grupo nacional. As elites dominam a invenção de mitos por duas razões: alimentar a solidariedade de um grupo, criando um forte senso de unidade, e como forma de ganhar legitimidade internacional. Tais histórias precisam ser atualizadas de tempos em tempos, na medida em que novas informações surgem. Segundo o autor, a legitimidade de um Estado é constituída pelas circunstâncias que envolveram seu nascimento. Assim, se a fundação de um país é recente e cruel, as elites terão o trabalho de limpar trechos ou partes de uma história desfavorável a seu ponto de vista.

No capítulo 7, *Liberal lies*, o autor aponta que, ao agir contra as normas liberais, por exemplo em invasões, intervenções ou guerras, os dirigentes optam por contar histórias falsas para mascarar a realidade. Além disso, existe uma necessidade in-

trínseca ao decisor de se legitimar perante sua sociedade e a sociedade internacional, ao mesmo tempo em que, mentindo, retira de seu povo a responsabilidade pelos atos de crueldade que eventualmente terá que realizar. O dilema se estabelece quando a retórica liberal dos discursos de governantes e líderes não acompanha as ações executadas pelo corpo do Estado (diplomacia, forças armadas, executivo). Como aponta Mearsheimer, “as elites normalmente agem como realistas e falam como liberais, o que, invariavelmente, exige artifícios, incluindo a mentira” (Ed.Bras: 115).

Mearsheimer utiliza a história das relações internacionais como seu laboratório de análise, retirando narrativas, exemplos e ilustrações para fortalecer seu argumento e vivificar sua análise. Viaja no tempo, de Bismarck a Kissinger, de Roosevelt a Bush, enfatizando a atuação de homens de estado, líderes políticos que tiveram a oportunidade de instrumentalizar mentiras como um artefato do “príncipe maquiavélico”.

John Mearsheimer é direto e conciso em sua proposta de análise. Conceitualmente, o livro avança ao discutir a mentira como um artifício da *realpolitik*, agregando uma nova linha de discussão ao campo das relações internacionais e demonstrando que a agenda realista é mais profícua do que parece. Embora a anarquia seja considerada a causa permissiva para mentir na política internacional, Mearsheimer busca explicações no comportamento humano (associado à sua essência ou natureza), na estrutura dos Estados (democracias liberais ou ditaduras autoritárias), na geografia (regiões e vizinhos) e no sistema internacional (negociações bilaterais e multilaterais). Por fim, a análise realista é temperada por críticas à tendência dos líderes nos EUA de “amedrontar” a população interna, o que pode ser desastroso, como nos casos das guerras do Vietnã e Iraque.

